

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO RELIGIOSO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Mariú Moreira Madureira Lopes (UPM/FAPESP)

Introdução

Em sua obra *O sagrado e o profano*, Mircea Eliade (2001, p. 165) diz: “[...] o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível”. Há três considerações a serem feitas a partir dessa afirmação. A primeira pode ser observada na distinção do homem, promovida pela caracterização deste como ‘religioso’. Essa menção já apresenta uma relação de diferenciação (religioso x não religioso), ao mesmo tempo que marca a identificação da presença de um grupo específico. A segunda consideração refere-se à concepção de que esse homem toma para si um modo de existência distinto dos demais, que pode ser visto na assimilação de posturas, crenças, opiniões, práticas e sentimentos diferenciados de uma coletividade. A terceira e última consideração envolve o reconhecimento da presença desse modo específico, que se manifesta independente da multiplicidade de formas que o caráter daquele que é religioso possa assumir.

A reflexão sobre essa afirmação põe sob consideração o tema ‘identidade’ e suscita questões tais como: Como se constrói a identidade do homem religioso? Como é possível identificar traços específicos que distingam o homem religioso do não religioso? Propõe-se discutir tais questionamentos pelo viés linguístico, visando à compreensão de: 1. como a linguagem se torna um elemento desvelador de questões identitárias do homem religioso; 2. como a língua pode representar o conjunto de posturas, crenças, opiniões, práticas e sentimentos diferenciados dessa coletividade. Para isso, serão inicialmente observadas concepções e reflexões sobre identidade, apresentadas por autores como Castells (2008), Woodward (2008), Silva (2008) e Hall (2008), tendo como base propostas funcionalistas da linguagem delineadas por Halliday e Hasan (1989). Como objeto para análise, foram adotadas traduções bíblicas portuguesas, católicas e protestantes, a fim de que se possam identificar as marcas identitárias do homem religioso, construídas no discurso, além de observar elementos distintivos dos dois segmentos do Cristianismo.

1. Suporte teórico

De acordo com Castells (2008, p. 23), “toda e qualquer identidade é construída” e “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, [...] pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. Para o autor, cada matéria-prima se sujeita ao homem, que a organiza de acordo com as circunstâncias históricas e sociais a que está submetido. Nesse sentido, não se pode pensar a identidade desvinculada do contexto de situação. Além disso, como afirma Hall (2008, p. 109), “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso”, por isso “nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos no interior das formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. O discurso, entendido como toda forma de expressão produzida e inserida em um determinado contexto, configura as identidades à medida que influencia o indivíduo em suas posições; e, no dizer de Woodward (2008, p. 55), “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”.

Em se tratando de discurso religioso, pode-se notar que o sagrado se torna um elemento essencial à compreensão da construção da identidade do homem religioso, haja vista que sua presença demarcada no discurso se circunscreve na história e na sociedade. Observe-se que, mesmo com a mudança da visão teocêntrica para a antropocêntrica no Renascimento, o sagrado continua ocupando seu espaço histórico e social: “É um atributo da sociedade, e ousaria dizer, da natureza humana, se é que tal entidade existe, encontrar consolo e refúgio na religião” (CASTELLS, 2008, p. 23). Ao relacionar-se com uma determinada postura religiosa, o homem aceita as práticas e os dogmas estabelecidos pela religião, assumindo, assim, posições próprias do grupo com o qual houve identificação.

Convém também salientar a presença da diferença na construção da identidade. Todo discurso é dialógico, e pressupõe a existência do outro (BAKHTIN, 2002, p. 123). Assim, o sagrado pressupõe o profano e é visto como diferente em relação a este:

O sagrado, aquilo que é ‘colocado à parte’, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições [...] (WOODWARD, 2008, p. 41).

É interessante pensar a identidade a partir do reconhecimento da diferença como um fator pressuposto à identificação do indivíduo ou do grupo a que pertence. Trata-se da distinção entre o “eu” e o “outro”, que pode ser vista tanto na individualidade como na coletividade. Assim, se é a diferença que estabelece as fronteiras ou limites da identidade, logo esta depende daquela para que possa ser construída e identificada:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2008, p. 76).

Como produtos de atos de criação linguística, a diferença e a identidade são identificadas em situações e contextos específicos, além de serem nomeadas (p. ex. sagrado-profano, brasileiro-espanhol, etc.) por atos de fala. Nesse sentido, a língua, em seu real funcionamento, na interação, é um objeto de análise indispensável à compreensão de questões identitárias. Como fenômeno social, ela distingue-se de qualquer atividade humana, pois pressupõe, para sua efetivação, tanto o discurso e suas implicações, como os participantes dele. Em outras palavras, a língua só pode ser descrita, analisada e observada em seu real funcionamento, que se circunscreve na comunicação. A caracterização da identidade e diferença como “resultado de atos de criação linguística”, produzidos no contexto de relações culturais e sociais, toca de perto a proposta funcionalista de análise linguística de Halliday e Hasan (1989). Convém então apresentar, inicialmente, a proposta dos autores, a fim de que ela sirva de método linguístico de análise e observação de questões identitárias (distinguíveis na língua) concernentes à construção da identidade do homem religioso.

Para que haja uma compreensão real do funcionamento da língua, Halliday e Hasan (1989, p. 12) propõem que se ponha em consideração três características envolvidas no contexto de situação: o ‘campo’, a ‘relação’ e o ‘modo’. A primeira refere-se à situação em si, à natureza do acontecimento social no qual os participantes estão engajados; a segunda compreende a interação entre os participantes do discurso e os papéis que ocupam nas relações sociais; e a terceira evidencia-se no modo de organização estrutural do texto. As três estão ligadas ao que Halliday (2004) nomeia de metafunções da linguagem. São elas: ideacional, interpessoal e textual. Cada uma delas se relaciona, respectivamente, com cada uma das características do contexto de situação.

A função ideacional, ligada ao ‘campo’, diz respeito à linguagem como expressão do conteúdo. Como afirma Neves, “é por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo real” (2004 p. 14); experiência que, com certeza, exerce papel fundamental à compreensão do processo de construção da identidade de um indivíduo ou de uma coletividade. Da língua, o homem se vale a fim de estabelecer comunicação, fazendo-se compreendido e compreendendo experiências. A função interpessoal, ligada à ‘relação’, tem a ver com os papéis exercidos pelos participantes do discurso em um determinado contexto. As relações exercidas entre falante e ouvinte revelam as posições históricas e sociais por eles ocupadas. Já a última função, a textual, ligada ao ‘modo’ é responsável pela concretização das demais, haja vista que todo discurso se estrutura a partir de um modo de organização: “[...] por ela, a linguagem contextualiza as unidades linguísticas, fazendo-as operar no co-texto e na situação: o discurso se torna possível porque o emissor pode produzir um texto, e o ouvinte ou leitor pode reconhecê-lo” (NEVES, 2004, p. 13).

Aplicando-se esse critério ao processo de construção da identidade do homem religioso, pode-se notar que este, sobretudo, preserva um elemento distintivo em seu discurso e comportamento: o sagrado. Em sua multiplicidade de formas (crenças, religiões, etc.), o sagrado exclui tudo aquilo que é profano, ditando ao homem religioso posturas e comportamentos, que devem ser seguidos. Nessa esfera, o ‘campo’ em que o

discurso se situa sempre evidenciará a presença do sagrado, como elemento norteador do ser. A ‘relação’ entre os participantes implica o exercício de papéis bem distintos: de um lado, Deus, considerado o ‘totalmente outro’ (OTTO, 1992, p. 38), desconhecido e reverenciado; e do outro, o ‘homem religioso’, submisso e reverente. Nesse sentido, este se sujeita àquele reconhecendo sua autoridade absoluta e seguindo todas as diretrizes determinadas, seja por meio de um livro, de uma revelação, de um profeta, entre outros. Todavia, tanto o ‘campo’ como a ‘relação’ são percebidos em discursos produzidos pela língua. Assim, convém salientar a presença específica de um ‘modo’, de uma construção textual que permite verificar as marcas de identidade do homem religioso presentes no discurso. Essas marcas podem ser vistas não apenas no campo das ideias (ou seja, no conteúdo doutrinário), mas também nas escolhas linguísticas feitas por tradutores em versões de textos sagrados, que se revelam como elementos distintivos da comunidade religiosa.

2. O corpus

Assim, privilegiou-se, neste ensaio, a análise de traduções bíblicas, voltadas a dois públicos: católicos e protestantes. Tanto o Catolicismo como o Protestantismo aceitam o Antigo Testamento e o Novo Testamento como Escritura Sagrada, embora o Protestantismo não aceite os livros deuterocanônicos¹. Ambos os grupos professam a fé em Jesus Cristo (salvo as divergências doutrinárias) e têm como base os mesmos manuscritos bíblicos, todavia optam por usar traduções diferentes. Esse fato já se distingue como um fator identitário, haja vista que, sendo a Bíblia a mesma para ambos, não haveria necessidade de se produzir traduções diferentes. Nesse sentido, a escolha por adotar versões diferentes já pode sugerir uma iniciativa de preservação da identidade, estabelecendo e demarcando a diferença.

Visando à compreensão de como a linguagem se torna um elemento desvelador de questões identitárias do homem religioso, proposta inicialmente, objetiva-se discutir o uso dos pronomes de segunda pessoa em alguns trechos do Novo Testamento, tendo como base quatro versões bíblicas: duas católicas (*Ave Maria* [1957]; *Pastoral* [1991]) e duas protestantes (*Almeida revista e atualizada* [1993]; *Nova Versão Internacional* [2001]). Para a análise, serão divididos dois grupos de versões: a) versões tradicionais, que, por serem mais antigas e mais usadas, resguardam apenas o uso dos pronomes ‘tu’ e ‘vós’ (*Ave Maria*; *Almeida revista e atualizada*); b) versões recentes, que visam a apresentar uma proposta de tradução mais atualizada da língua, no sentido de adequar o léxico e as estruturas textuais à linguagem corrente, sem deixar de preservar a norma padrão (*Pastoral*; *Nova Versão Internacional*). Nessas duas últimas versões, observa-se a coocorrência dos pronomes ‘tu’, ‘vós’, ‘você’ e ‘vocês’, o que aponta para a atual condição do português brasileiro, além de apresentar concordâncias e divergências quanto ao seu emprego. O texto-fonte servirá como apoio à análise das traduções.

3. As análises

O texto selecionado para a análise se encontra no Evangelho de Mateus 6.9-13, texto conhecido como “A oração do Pai Nosso”. Inicialmente, será observado o primeiro grupo, composto de versões tradicionais.

Texto-fonte grego (transliterado)

⁹ *Outōs oun proseukhesthe hymeis:*

Pater hēmōn ho en tois ouranois,

hagiasthētō to onoma sou.

¹⁰ *elthetō hē Basileia sou*

genēthētō to thelēma sou,

hōs en ouranō kai epi gēs

¹¹ *Ton arton hēmon ton epiousion dos hēmin sēmeron*

¹² *kai aphe hēmin ta opheilēmata hēmōn,*

hōs kai hēmeis aphēkamen tois

opheiletais hēmōn

¹ A tradição católica usa o termo para designar os livros que não fazem parte da Bíblia hebraica, mas que aparecem incluídos na Bíblia grega. Estes livros provocaram divergências em relação à sua aceitação devido à ausência deles no cânon da Bíblia hebraica.

¹³ *kai mē eisenegkeis hēmas eis peirasmon
alla rysai hēmas apo tou ponērou.*

Católica – Ave Maria

⁹ Eis como deveis rezar: PAI NOSSO, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; ¹⁰ venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. ¹¹ O pão nosso de cada dia nos dai hoje; ¹² perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; ¹³ e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Protestante – Revista e Atualizada

⁹ Portanto, vós orareis assim:
Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
¹⁰ venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu;
¹¹ o pão nosso de cada dia
dá-nos hoje;
¹² e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós temos perdoado
aos nossos devedores;
¹³ e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal
[pois teu é o reino, o poder
e a glória para sempre. Amém]!

Antes de analisar as traduções, convém fazer uma observação sobre o texto-fonte a fim de que se possam perceber as diferenças expressas nas escolhas dos pronomes. No texto-fonte grego, há apenas duas formas de pronome para representar a segunda pessoa: “@6” — singular; e “@6@4@3@2@1” — plural. Na oração feita por Cristo, pode-se verificar, por exemplo, o uso de expressões como “@5@6@4@3 @1@6@1” (nome teu’), “@3@4@5@6@7@8@9 @1@6@1” (reino teu) e “@1@2@3@4@5 @1@6@1” (vontade tua). Cada uma dessas expressões está acompanhada do pronome ‘@6@1’, genitivo de ‘@6’, segunda pessoa do singular. Assim, seguindo uma tradução literal, a opção seria escolher uma forma correspondente à segunda pessoa do singular.

Todavia, tendo em vista o contexto em que o discurso se insere e os participantes envolvidos, optou-se, na tradução *Ave Maria*, pelo uso do plural majestático. Nesse caso, usou-se o ‘vós’ em substituição ao ‘tu’, como uma forma de reverenciar a divindade. O homem religioso reconhece a superioridade divina e, portanto, ao falar com Deus, prefere o uso de variantes mais formais, distanciadas do uso corrente. Tal escolha se torna coerente com o contexto social do grupo religioso e com as posições assumidas por aqueles que aderiram à religião. Apesar de o pronome ‘vós’ ser raramente usado na linguagem corrente, seu espaço ainda permanece no domínio religioso. Não é difícil encontrar ainda hoje pessoas que, ao falarem com Deus, preferem usar ‘vós’ a ‘tu’. Em relação ao uso do pronome na versão *Almeida revista e atualizada*, observa-se que se optou por usar o pronome ‘tu’, correspondente à segunda pessoa do singular. Isso pode tanto significar o processo natural da tradução, como pode também ser uma iniciativa de conservação do texto-fonte. Não se pode esquecer que a Bíblia é considerada, na religião protestante, a autoridade infalível, portanto nada pode ser acrescentado a ela.

Todavia, o outro grupo de versões apresenta um novo fator identitário do homem religioso, que pode ser verificado na coocorrência dos pronomes ‘tu’, ‘vós’, ‘você’ e ‘vocês’. Observe-se o uso dos pronomes de segunda pessoa (ou marcas de segunda pessoa) na oração do Pai Nosso, nas versões seguintes:

Católica – Pastoral

⁹ Vocês devem rezar assim: Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome; ¹⁰ venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. ¹¹ Dá-nos hoje o

pão nosso de cada dia. ¹² Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. ¹³ E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

Protestante – Nova Versão Internacional

⁹ Vocês, orem assim:

“Pai nosso, que estás nos céus!

Santificado seja o teu nome.

¹⁰ Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

¹¹ Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.

¹² Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

¹³ E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Nas duas versões, convém notar não apenas a forma como Cristo se refere a Deus, mas também o pronome usado por Cristo ao falar com os discípulos: “vocês”² (☞☉☐☑☒☓☔☕☖☗☘☙☚☛☜☝☞☟☠☡☢☣☤☥☦☧☨☩☪☫☬☭☮☯☰☱☲☳☴☵☶☷☸☹☺☻☼☽☾☿☽☿☽☿). Verifica-se, nesse caso, que Cristo se dirige de forma diferente a Deus. Este é tratado como ‘tu’. Isso permite distinguir, mais uma vez, as relações presentes no discurso religioso. E é mais fácil entender a escolha pelo pronome ‘tu’ na tradução pela negação do ‘você’. Em outras palavras, em relação a Deus admite-se a forma ‘tu’ (apesar de esta também não indicar formalidade na linguagem corrente), mas não se aceita o pronome ‘você’. Várias explicações poderiam ser dadas para justificar esse uso, tais como: a tradição das versões mais antigas, o uso público do pronome na liturgia, o costume de usar a forma ‘tu’ em orações, hinos, etc. Fato é que, não apenas no Sul e em algumas outras regiões do país, o uso do ‘tu’ é preservado. A linguagem, usada pelo homem religioso, também o conserva como forma de referência à divindade, distinguindo, assim, Deus dos demais homens.

Embora o enfoque deste trabalho se volte ao uso dos pronomes, não se pode deixar de observar um aspecto lexical do texto analisado, que não apenas diferencia o homem religioso do não religioso, como também diferencia as duas formas de professar a religião (católica e protestante). Nas duas versões católicas analisadas, no versículo 9, usa-se o verbo ‘rezar’, e, nas versões protestantes, o verbo ‘orar’. No Catolicismo, o termo mais comum usado em relação ao ato de fazer uma prece é ‘rezar’, embora também se use ‘orar’. Já no protestantismo, dificilmente, um adepto da religião recorrerá ao termo ‘rezar’. Nesse sentido, pode-se dizer que a menção a este último verbo, dependendo da situação, pode funcionar como um elemento identificador de um grupo.

Há ainda uma consideração a ser feita em relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa nas versões em que há coocorrência das formas ‘tu’, ‘vós’, ‘você’ e ‘vocês’. Quando os pronomes são usados por Cristo ou em referência a Cristo, há um diferencial, dependendo do contexto e do papel que os participantes ocupam na interação. Observe-se em Mc 8.29 o pronome usado por Cristo em relação aos discípulos e o pronome usado por Pedro, um dos discípulos de Cristo.

Texto-fonte grego (transliterado)

²⁹ kai autos epērota autous, Hymeis de tina me legete einai; apokritheis ho Petros legei autō, Sy ei ho khristos.

Católica – Pastoral

² O uso desse pronome será visto também em outras situações, todavia, em geral, é usado em relação a interlocutores com quem há uma relação de proximidade.

LOCUTOR	INTERLOCUTOR	Pastoral	Nova Versão Internacional
Jesus	Chefes dos sacerdotes e mestres da lei	Vocês	Vós
Jesus	Pilatos	Você	Tu
Chefes dos sacerdotes e mestres da lei (autoridades em geral)	Jesus	Tu	Você
Pilatos	Jesus	Tu	Você

As duas versões apresentam escolhas diferentes dos pronomes, dependendo do locutor. Na *Pastoral*, ocorre a preservação do uso do pronome ‘tu’ em relação a Cristo, independente de qualquer posição superior, religiosa ou política, ocupada pelo locutor (chefes dos sacerdotes, mestres da lei e Pilatos). Prioriza-se, assim, uma coerência externa ao texto, no sentido de que, em geral, no contexto atual, um falante não se referiria a Cristo usando ‘você’. Na *Nova Versão Internacional* parece ocorrer o oposto, privilegiando-se uma coerência interna ao texto. Isso sugere que o ‘tu’ estaria vinculado ao reconhecimento da divindade de Cristo. Assim, em situações nas quais os locutores de Cristo não o reconhecem como Deus, eles não poderiam tratá-lo fazendo uso da forma ‘tu’.

Conclusão

A escolha do plural majestático, a preservação do pronome ‘tu’ em relação à divindade (mesmo em traduções em que há a coocorrência das formas) e a adoção de termos comuns ao léxico do grupo servem de base à identificação de como se constrói e se representa a identidade do homem religioso pela língua. Há um ‘modo’ de construção textual próprio em que o discurso se realiza, que permite a identificação da ‘relação’ discursiva entre o divino (o ‘totalmente outro’, o incognoscível) e o humano. O homem religioso se distingue dos demais, pois se submete a leis e diretrizes provindas de uma autoridade absoluta e transcendente. Suas posições são tomadas em concordância com as regras e diretrizes fundamentadas, por exemplo, em um livro, considerado a voz divina. O sagrado, o ‘campo’ sobre o qual se constrói a identidade, é um elemento fundamental que, no contexto religioso, norteia tanto o comportamento como os sentidos representados pela língua. Esta nada define, apenas representa posturas, crenças, opiniões, práticas e sentimentos circunscritos em uma determinada situação discursiva. O discurso, construído de forma significativa, é representado pela língua, e esta pode, por sua vez, revelar um pouco do ‘eu’ e do ‘outro’, da história e da sociedade.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- NEVES, M.H.M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SILVA, T. S. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T. S. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Traduções bíblicas

BÍBLIA SAGRADA – *Edição pastoral*. São Paulo: Paulus, 1991.

BÍBLIA SAGRADA – *Ave Maria*. São Paulo: Ave Maria, 1957.

BÍBLIA SAGRADA – *Nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BÍBLIA SAGRADA – *Revista e atualizada no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.